

A ROMANTIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XXI: a nova rota do machismo estrutural entre jovens

CALVETE, Helena Marinho Ferraz¹; FREITAS, Luiza Cazartelli²; GONÇALVES, Isabela Viero³; GOULART, Maria Júlia Britto Pereira⁴; RODRIGUES, Isabelle dos Santos⁵; GRIEBELER, Adriane⁶.

¹Colégio Franciscano Espírito Santo – helena4203@cfes.com.br

²Colégio Franciscano Espírito Santo – luiza4255@cfes.com.br

³Colégio Franciscano Espírito Santo – isabela4701@cfes.com.br

⁴Colégio Franciscano Espírito Santo – maria4419@cfes.com.br

⁵Colégio Franciscano Espírito Santo – isabelle5397@cfes.com.br

⁶Colégio Franciscano Espírito Santo – adrianeg@cfes.com.br

A pesquisa tem como objetivo analisar a maneira como a prostituição tem sido romantizada e naturalizada na sociedade contemporânea, especialmente entre adolescentes, a partir da influência de músicas e conteúdos midiáticos que reforçam o machismo estrutural.

O trabalho parte de uma recuperação histórica que mostra a presença da prostituição desde as primeiras civilizações, como na Suméria, Grécia Antiga e no Brasil Colonial, destacando a visão social da figura feminina como mercadoria e alvo de dominação masculina. Entende-se que a prostituição, prática marcada pela violência e exploração, foi ressignificada como socialmente aceitável e até mesmo desejável nos dias de hoje. Atualmente, o trabalho ressalta o termo pejorativo “Job”, usado principalmente em músicas de funk, como símbolo da romantização da prostituição na sociedade brasileira atual, sendo posto como sinônimo de luxo e liberdade, apesar de reforçar estereótipos machistas.

Buscando compreender a visão dos jovens sobre a prostituição foi feita uma pesquisa quantitativa com 134 pessoas, com idades entre 13 e 21 anos, em um formulário online com nove perguntas objetivas. Em seus resultados, todos os participantes afirmam conhecer o termo “Job” e músicas com o mesmo. A maioria dos adolescentes reconhece o machismo nas letras e concorda que contribuem para a romantização da prostituição. Ademais, confirmam que as redes sociais e a tecnologia ampliam essa visão distorcida, dificultando a construção do senso crítico.

Constata-se que prostituição, apesar de sua natureza opressiva, vem sendo normalizada e glamourizada pela sociedade, tendo seus impactos negativos ocultados em prol da continuidade de sua existência.

